

# A criação da inteligência coletiva, de acordo com Pierre Lévy, em cursos de educação a distância

Tânia Baier  
Maria Aparecida Viggiani Bicudo

## RESUMO

Neste ensaio tomamos o significado de *inteligência coletiva* à luz da obra “A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço”, de Pierre Lévy (1999). Destacamos os espaços antropológicos, a ação individual no coletivo e as possibilidades de atitudes colaborativas nos indivíduos que estão ligados a tecnologias realizando cursos de educação a distância e avançamos em termos de valores e objetivos educacionais que essas ideias permitem visualizar. Apresentamos reflexões a respeito de questões éticas que se colocam no cenário da construção da *inteligência coletiva*, quando são trabalhados aspectos da própria atitude colaborativa dos envolvidos em ações conjuntas, porém díspares e criativas, de modo a dar vazão à realização de valores significativos como o existir com, em que cada um marca sua presença, dispondo-se à cooperação, para manter a harmonia e o equilíbrio da vida do conjunto. Esses valores apontam para uma visão de educação a distância, que apresentamos.

**Palavras-chave:** Inteligência coletiva. Educação a distância. Atitude colaborativa.

## The creation of the collective intelligence, according to Pierre Lévy, in distance education

### ABSTRACT

In this essay, we focus on the meaning of *collective intelligence*, following the book “The collective intelligence: on the anthropology of cyberspace” by Pierre Lévy (1999). We emphasize the anthropological spaces, the individual action in the collective and the possibilities of collaborative attitudes in individuals who are connected to technologies in distance education courses. We go forward in terms of values and educational goals on a prospective thought. We present reflections on ethical issues that arise in the scenario of the construction of *collective intelligence*, in which the aspects of the collaborative attitude of those involved in joint actions are worked out, disparate and creative though, in order to give vent to the achievement of significant figures as everyone

---

**Tânia Baier** é Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP – Rio Claro), professora de Graduação e do Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática, Universidade Regional de Blumenau /FURB, Centro de Ciências Exatas e Naturais, Departamento de Matemática, Blumenau, SC, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Theodoro Holtrup, 215, apto. 1101, Vila Nova, 89035-300, Blumenau, SC, Brasil. E-mail: taniabaier@gmail.com

**Maria Aparecida Viggiani Bicudo** é Livre-docente pela Faculdade de Ciências Sociais, Letras e Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora Titular do Departamento de Matemática, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, SP, Brasil. Endereço para correspondência: Avenida 24 A, nº 1515, Bela Vista, CEP: 13506-900, Rio Claro, SP, Brasil. E-mail: mariabicudo@gmail.com

mark his own presence, by forming cooperation, to maintain consistency and balance of the whole group. Those values point to a vision of distance education that we present here.

**Keywords:** Collective Intelligence. Distance Education. Collaborative Attitude.

## INTRODUÇÃO

Buscamos, no desenvolvimento deste ensaio, focar o significado de *inteligência coletiva*, refletir a respeito das ações educativas que se dão no ambiente da educação a distância, visando, em termos de valores e fins educacionais, expor o esperado e o possível de ser efetuado nesse ambiente à luz das ideias postas por Lévy (1999) e da utopia por ele visualizada.

Entendendo o ‘ensaio’ como um texto literário breve, situado entre o poético e o didático, expondo ideias, críticas e reflexões éticas e filosóficas a respeito de um tema, não se pautando em formalidades como documentos ou provas empíricas ou dedutivas de caráter acadêmico-científico, este artigo se desenvolve articulando ideias a respeito de *inteligência coletiva*, dos modos pelos quais é constituída e se mantém, bem como sobre a presença da cognição individual que se expõe nas ações de busca intencional do saber e da disposição pessoal para a abertura ao diferente, sem que o individual se esvaia e prescindida da própria singularidade.

São trazidas questões éticas que se colocam no cenário da construção da *inteligência coletiva*, quando se trabalham aspectos da própria atitude colaborativa dos envolvidos em ações conjuntas, porém díspares e criativas, de modo a dar vazão à realização de valores significativos como o existir com, em que cada um marca sua presença, dispondo-se à cooperação, para manter a harmonia e o equilíbrio da vida do conjunto.

Os valores antevistos, a construção da *inteligência coletiva*, o ambiente em que é constituída, veiculada e mantida, a postura dos que colaboram nessa construção são temas significativos para serem pensados à luz do panorama da educação a distância.

## O CENÁRIO PLANETÁRIO

Nas últimas décadas, a contínua criação de tecnologias de uso pessoal tem modificado a natureza dos processos comunicativos e o acesso a todo tipo de informação. Conectadas às redes, as pessoas trocam mensagens, dialogam, envolvem-se em relacionamentos profissionais, apaixonam-se, praticam ações ilícitas, participam de projetos de toda natureza.

Para Lévy (1999, p.12-13 – grifos do autor), na atualidade, a Internet é “[...] o símbolo do grande meio heterogêneo e transfronteiriço que aqui designamos como *ciberespaço*. [...] A forma e o conteúdo do *ciberespaço* ainda são especialmente indeterminados. Não existe nenhum determinismo tecnológico ou econômico simples em relação a esse assunto”. Na atualidade tem continuado a tendência, apontada por esse autor, pois vem sendo oferecidos às massas populares novos artefatos tecnológicos em formatos diferenciados, com uma

portabilidade cada vez maior, que possibilitam a comunicação e o acesso às informações com um alcance planetário. No final da década de 1990, Lévy levantava a hipótese de as tecnologias virem a se transformar em uma supertelevisão e, hoje, poderíamos vislumbrar um supercelular. Com as dimensões e os preços dos artefatos tecnológicos em processo de redução, a quantidade de pessoas imersas no ciberespaço está impulsionando o que o autor considera uma mutação na espécie humana.

No entendimento de Lévy (1999, p.14), voltamos a ser nômades, mas não se trata de viajar a negócios ou passeios turísticos por regiões geográficas: “O espaço do novo nomadismo não é o território geográfico, nem o das instituições ou o dos Estados, mas um espaço invisível de conhecimentos, saberes, potências de pensamento em que brotam e se transformam qualidades do ser, maneiras de construir sociedade”. Assim, nós, nômades, sem mapas para serem seguidos frente à paisagem que rapidamente muda e tudo transforma, poderíamos nos engajar na via da *inteligência coletiva*, concentrando nossas forças, multiplicando experiências, buscando, em tempo real, soluções para problemas complexos.

Nesse cenário, a via da *inteligência coletiva* se mostra como um caminho promissor para nosso futuro e é sobre essa ideia que esse autor desenvolve uma utopia que diz do modo pelo qual ele antevê possibilidades de modificações estruturais na constituição do conhecimento, nos modos de ser do ser humano, olhado de uma perspectiva antropológica, nas formas de organização social e de administração governamentais. Sendo uma ideia nuclear, relacionada com espaços antropológicos e com o conceito de identidade, passamos a expô-la, seguindo o apresentado na obra aqui estudada e trazendo nosso entendimento, como ele foi se mostrando para nós.

Quatro espaços antropológicos são descritos por Lévy e possibilitam reflexões sobre a ação educativa, apresentadas neste ensaio. Para ele (1999, p.22) o espaço antropológico “é um sistema de proximidade (espaço) próprio do mundo humano (antropológico) e, portanto, depende de técnicas, de significações, da linguagem, da cultura, das convenções, das representações e das emoções humanas”. Afirma que a Terra foi o primeiro espaço ocupado pela humanidade, não sendo um planeta nem a biosfera; sobre ela, pela visão obtida em transe ou com a fala inspirada pelos deuses, “os seres humanos estão em comunicação com animais, plantas, paisagens, lugares e espíritos” (LÉVY, 1999, p.115). De doze mil anos até hoje, difunde-se sobre a Terra o Espaço do Território, canalizando os rios, secando os mangues, destruindo florestas, estabelecendo linhas demarcatórias. Diz que o Território, segundo espaço, instaura com a Terra uma relação de depredação e destruição, ele a domina, fixa, encerra, inscreve e mede. O Espaço das Mercadorias, terceiro espaço, inicialmente disperso e flutuante, emerge com a criação da moeda e vem evoluindo nas transações comerciais. O quarto espaço antropológico, o Espaço do Saber, “caso venha a se desenvolver, acolherá formas de auto-organização [...] Intelectuais coletivos caminharão nômades em busca de qualidades, modalidades de ser inéditas” (LÉVY, 1999, p.123). Saber não se reduz ao conhecimento científico, mas se relaciona com as vivências organizadas pelos seres humanos ao se envolverem em atividades de aprendizado.

A qualidade a que o autor se refere é uma ideia complexa, como complexa sempre é a ideia de qualidade, mesmo a apresentada em outras concepções. Nesta obra, ela é um intrincado de imagens que apontam para seres livres e criadores de sentido, de subjetividade, de quanta de liberdade. Os quanta de subjetividade se reportam a um sujeito não entendido por módulos funcionais ou partes, porém, imaginado como concentrações caóticas de quanta, suscetíveis de engendrar signos. Cada quantum de qualidade está sempre em relação com um ato, realizado ou potencial, com um acontecimento, real ou possível.

Para cada espaço corresponde um tipo de identidade e “cada um de nós possui os quatro tipos de identidade, mesmo que a primeira seja esquecida e a quarta ainda não apareça. Nascermos e crescemos simultaneamente nos quatro espaços” (LÉVY, 1999, p.138).

## A INTELIGÊNCIA COLETIVA

“A inteligência coletiva visa menos ao *domínio de si* por intermédio das comunidades humanas que a um *abandono* essencial que diz respeito à ideia de identidade [...]” (LÉVY, 1999, p.17 – grifos do autor). Não se trata de massas populares serem governadas de modo inteligente, mas sim, de assumirem atitudes de engajamento, pois esse autor entende que “Se nossas sociedades se contentarem em ser inteligentemente dirigidas, com certeza falharão em seus objetivos. Para ter alguma chance de viver melhor, elas devem se tornar inteligentes na massa” (LÉVY, 1999, p.18).

“Tornar-se inteligente na massa” tem o sentido de a massa, entendida como uma interconexão de inteligências colaborativas pensando, questionando, agindo. Do modo como está escrito, parece que ela se torna um agente que decide. Entretanto, “A massa não tem um caráter próprio, e uma massa não pode se distinguir de outra; é um conjunto de indivíduos que se comportam todos do mesmo modo, sem uma unidade interna e uma vida comum” (ALES BELLO, 2007, p.147, tradução nossa). Porém, “ser inteligente na massa” não se trata de um agente individual que toma decisão pela massa, porém de um coletivo que pensa junto, na medida em que indivíduos se conectam e expressam suas compreensões já em uma rede de outras compreensões expressas e que se nutrem, solicitam e potencializam. É uma inteligência que se expõe, se sustenta e se expande com recursos tecnológicos.

Tal *abandono essencial da ideia de identidade* (do sujeito pensado em sua individualidade) implica o abandono do entendimento de homem como sendo um ser completamente separado dos outros homens e do mundo, e cuja singularidade se constitui no ser igual (idêntico) a si-mesmo. Na história da Filosofia Ocidental, essa ideia de identidade – modo de ser idêntico – deixou de ser a dominante há mais ou menos 165 anos, quando as questões levantadas sobre o espírito das ciências humanas tornam-se o centro da problemática histórico-filosófica. Na historicidade do pensamento ocidental, a ideia de um ser humano fechado em seu núcleo vai caminhando em direção às considerações de os aspectos sociais e culturais já estarem no âmago do “tornar-se humano”, pois, da perspectiva existencial, social e histórica, o ser humano não nasce ‘homem’ mas se

torna pessoa humana ao conviver socialmente com seus semelhantes. Dessa perspectiva, a identidade da pessoa, ou seja, do ser humano visto em sua individualidade, confere-lhe possibilidade de ver-se como diferente dos demais e, também, como igual. Ela traz consigo o subjetivo e o intersubjetivo e, necessariamente, a capacidade de, ao atentar-se ao que está ao seu redor, detectar seu igual pela empatia, ou seja, no ato em que nos damos conta da vivência do estranho. (ALES BELLO, 2007). Esse jogo do igual e do diferente, ou do eu e do não eu, do eu e do outro igual a mim, solicita um movimento de ir (do mesmo) ao outro e vir do outro ao mesmo, já com o outro (o diferente) que com ele se entrelaça em lances iluminados pelos destaques das ações efetuadas em ambientes abertos de busca e de sustentação de diálogos. Esse diálogo, no âmbito da concepção de inteligência coletiva, como tratada por Lévy, em nosso entendimento, é efetuado com e pelos recursos tecnológicos, mediante conexões que se expandem em ramificações que se bifurcam e caminham em sentidos não determinados previamente, porém, impulsionados pelas próprias ações inteligentes.

Desse modo, a comunidade que se constitui na complexidade dessas interconexões não se sujeita a hierarquização de valores – de conhecimento, beleza, econômica – mas avança em seus modos próprios de se fazer, o qual se caracteriza pelas ações inteligentes efetuadas coletivamente.

A *inteligência coletiva* demanda a superação do entendimento das comunidades humanas como sendo hierarquizadas e solicita de cada ser humano um redirecionamento para a construção do conhecimento de modo articulado.

Para Lévy (1999, p.17), nós nos encontramos na situação de uma espécie que “ainda não teria atingido a inteligência coletiva da cultura por falta de linguagem articulada [...] permitir-nos compartilhar nossos conhecimentos e apontá-los uns para os outros, o que é a condição elementar da inteligência coletiva”. Desse modo, a constituição da *inteligência coletiva* se daria por meio da criação de uma nova linguagem, mas em moldes diferentes daqueles que as referências históricas nos possibilitam. Com a disseminação dos instrumentos de comunicação portátil, a nova linguagem comunicativa não se desenvolveria por meio de textos escritos em livros, de objetos artísticos pictóricos ou esculturais, mas está para ser construída de modo a adequar-se aos futuros artefatos tecnológicos.

O atual cenário planetário demanda *indivíduos* capazes de navegar em oceanos de mensagens digitais uma vez que:

A prosperidade das nações, das regiões, das empresas e dos indivíduos depende de sua capacidade de navegar no espaço do saber. A força é conferida de agora em diante pela gestão ótima dos conhecimentos [...] Quanto melhor os grupos humanos conseguem se constituir em coletivos inteligentes, em *sujeitos cognitivos*, abertos, capazes de iniciativa, de imaginação e de reação rápidas, melhor asseguram seu sucesso no ambiente altamente competitivo que é o nosso. (LÉVY, 1999, p.19, grifos nossos)

Na citação acima, é significativa a menção a *sujeitos cognitivos*, especificando modos de o sujeito ser – aberto, capaz de iniciativa, imaginativo e de rápidas reações – para que a constituição de “coletivos inteligentes” seja bem-sucedida. Desse modo, conforme entendemos, o coletivo inteligente não prescinde do sujeito cognitivo que age e que se abre ao que se dá, ou seja, ao que ocorre, tomando iniciativa e respondendo rapidamente, porém de modo criativo, modo esse em que a imaginação, que se caracteriza pela capacidade de configurar outras possibilidades diferentes das usuais ou dadas, é um aspecto importante.

Esse sujeito age, operando cognitivamente, no ambiente midiático à sua disposição. Essa operação cognitiva é potencializada pela informática em múltiplos sentidos: pela informação que dispõe às ações do sujeito, pela rapidez de comunicação do operado com o comunicado, pelas ramificações que abre, disponibilizando ao coletivo pensante, pois pensa junto, o produto das operações efetuadas, pela lógica impregnada na tecnologia e seus aparatos que sustentam o movimento da informação em curso, pela totalidade pensante que se constitui em movimento de ser e de devir, se mostrando como um coletivo pensante.

Nessa concepção, o conhecimento é constituído por seres humanos junto com tecnologias e colaborando com sua ação cognitiva. Para Borba e Villarreal (2006, p.22, grifos dos autores) “[...] *seres humanos-com-mídia, ser humano-mídia ou seres humanos-com-tecnologias* são metáforas que podem conduzir a compreensões sobre como a produção de conhecimento ocorre”. Esses autores enfocam as mudanças provocadas pela tecnologia, esclarecendo que o conhecimento é qualitativamente diferente nos diversos coletivos humanos, pois uma nova tecnologia resulta em um novo coletivo o qual produz novos conhecimentos. Para exemplificar, consideram que o tipo de conhecimento produzido nas sociedades onde a oralidade predomina é distinto daquele produzido nas sociedades que criaram alguma forma de escrita. Seguindo Pierre Lévy, consideram uma *inteligência coletiva*, explicando:

Em tal visão, uma inteligência não compete com a outra. Elas colaboram! Combinações diferentes de seres humanos com mídia, localizados em diferentes partes do mundo [...] As ideias do carpinteiro e do matemático se completam. Uma inteligência como essa é pensada como sendo uma rede complexa. (BORBA; VILLARREAL, 2006, p.26 – tradução nossa)

Em diferentes períodos e nas diversas culturas, pensadores têm investigado respostas para suas indagações, sendo que, em muitas situações, partiram do pensamento de um indivíduo, caminhando em direção à diversidade. Analisando o desenvolvimento da música ocidental, da unidade para a diversidade, Abdounur (2003, p.220) esclarece que, na Europa, na Idade Média, foram criadas regras para a elaboração de obras musicais e “Os teóricos-musicais da época estabelecem tais regras, conscientes apenas de suas vivências sonoras [...] a partir de estruturas ético/estéticas regadas por esquemas monistas presentes na Inteligência Coletiva da época que ressoam para distintas regiões da rede de significados”.

Esse autor esclarece que, desde o início da Idade Média até o Renascimento, a música ocidental abandona gradativamente as concepções que são estritamente melódicas, acompanhando o clima de diversidade daquele período, caracterizado por mudanças na visão de mundo, abandonando concepções monistas e assumindo a diversidade. O desenvolvimento da música ocidental na direção da diversidade gera profundas reflexões e “À luz da ideia de Inteligência Coletiva de Lévy, a discussão entre Mersenne e Descartes é representativa do conflito decorrente da passagem da Idade Média para o Renascimento, onde a diversidade reina em todos os âmbitos” (ABDOUNUR, 2003, p.234).

Gradativamente, ocorrem reconfigurações nas concepções da música, que navegam gradativamente em direção a cenários com caráter mais harmônico. Diversos pesquisadores contribuem para a criação da teoria musical ocidental, partindo de diferentes referenciais, sejam os dispostos pelas concepções místicas de Pitágoras, ou pelas descobertas da física, como a pesquisa de Fourier sobre a distribuição de calor. Novos símbolos foram progressivamente criados para expressar a altura dos sons e os ritmos musicais. Parafraseando Pierre Lévy, poderíamos dizer que as novas tecnologias, ou seja, os novos instrumentos musicais, motivaram a criação de uma nova linguagem.

Focando o período da Grécia Antiga, Abdounur (2003, p.205) constata que o procedimento de Arquitas para a obtenção de consonâncias musicais, “aponta para o Temperamento, inclusive nas sequências matemáticas envolvidas [...]”. Arquitas fornece as primeiras pistas para a teoria musical que Bach consolidará criando uma série de prelúdios que denominou ‘Cravo Bem Temperado’.

Assim, uma incursão pela história da música ocidental exemplifica a inserção de indivíduos em redes de conhecimento e sua busca constante por uma linguagem comunicativa. Abdounur (2003, p.255), citando Pierre Lévy, sintetiza: “a Inteligência Coletiva pensa na individual”. Por exemplo, Arquitas e Bach colaboram na criação da linguagem musical ocidental, em períodos diferenciados e em espaços geográficos distintos. Os conceitos matemáticos presentes na *inteligência coletiva* da época de Bach são mais avançados do que os presentes na *inteligência coletiva* da antiga Grécia. Desse modo, cada pesquisador contribui para a criação da linguagem musical adequada aos instrumentos musicais que conhece.

## **O CIBERESPAÇO COMO POSSÍVEL ÁGORA DE UMA DEMOCRACIA DIRETA**

Analisando as atuais formas de governo, Lévy (1999, p.61) conclui que se estabilizaram em um período em que as modificações nos diversos cenários da atividade humana aconteciam mais lentamente. Os graves problemas da atualidade, globalmente conectados, demandam a mobilização de uma diversidade de competências, com culturas e interesses diferentes. Para esse autor, nenhum sistema de governo contemporâneo foi concebido de modo a atender tais demandas e os procedimentos de decisão hoje praticados foram desenvolvidos para um mundo em que a comunicação se dava de modo simples. Considera que se hoje a televisão é um terminal de comunicação no esquema

um/todos e se pelo telefone ocorre a comunicação um/um, e, imaginando possibilidades de desenvolvimento nessa direção, podemos vislumbrar nos lares do futuro terminais de comunicação no esquema todos/todos. Nesse contexto

*O ciberespaço cooperativo deve ser concebido como um verdadeiro serviço público. Essa ágora virtual facilitaria a navegação e a orientação no conhecimento, promoveria troca de saberes [...] O ciberespaço poderia tornar-se o lugar de uma forma de democracia direta em grande escala. (LÉVY, 1999, p.64 – grifos do autor)*

Em tal democracia, nos dizeres de Lévy (1999, p.67), um coral polifônico improvisado, “cada um é chamado *ao mesmo tempo* a: 1) escutar os outros coralistas; 2) cantar de modo diferenciado; 3) encontrar uma coexistência harmônica entre sua própria voz e a dos outros, ou seja, melhorar o efeito do conjunto”. O autor esclarece que caberia a cada um resistir a três atrativos: cantar forte, cobrindo a voz dos demais, calar-se e cantar em uníssono, cabendo a cada um ouvir os outros, não repetir o que acabaram de dizer, tentando ser pertinente e interessante, formando uma “civilidade acompanhada por computador”. Nesse cenário aconteceriam vitórias não daqueles mais hábeis em conquistar o poder, mas sim, vitórias sempre provisórias dos mais cooperativos. “O *ciberespaço* poderá se tornar um meio de exploração dos problemas, de discussão pluralista, de evidência de processos complexos, de tomada de decisão coletiva e de avaliação *o mais próximo possível das comunidades envolvidas*” (LÉVY, 1999, p.60 – grifos do autor).

Notem-se as demandas: ouvir, cantar de modo diferenciado, coexistir de modo harmônico. Há sim uma mudança de postura indicada em relação ao comumente percebido hoje. Todos querem falar e, se possível, em tom mais alto, competindo e discrepando dos demais. É preciso que a quantidade de comunicação inócua, desde que não ouvida e, portanto, não percebida e criticada para que se torne possível cantar de maneira diferenciada e não reprodutiva, dê lugar a uma resposta diferenciada, porém que esteja em sintonia com as compreensões, solicitações e desejos presentes no conjunto. De um ponto de vista ético, o conjunto é o mais valioso. Não uma soma de partes, mas um conjunto em que a coexistência, entendida como o existir *com* o outro, sem se diluir na massa, mas marcando sua presença de maneira a manter a harmonia e o equilíbrio da vida do conjunto. O coletivo vale, mas o individual vale também. A pessoa precisa se dispor à cooperação, doando-se em suas capacidades de ação e abrindo-se à recepção do que lhe é doado. Porém, é essencial para a efetivação da abertura ao outro, em que o indivíduo se doa e permite que o diferente adentre seus núcleos de conhecimento e de atitudes, que se atente para a entropatia, vista como um constante “dirigir-se da observação da experiência para a vida psíquica apresentada junto com a vida psíquica do corpo vivo estranho [...]” (HUSSERL, 2002, p.169 – tradução nossa), de modo que, objetivamente junto com o corpo vivo do outro, assim percebido, transponho sobre mim mesmo essa percepção, constituindo-se então uma unidade perceptiva de homem.

Essa compreensão da entropatia como sustentação do ato de abrir-se ao outro, percebendo-o como diferente e como igual, é expressa por Husserl no primeiro quarto

do século passado. É entendida como abertura de um ser (humano) ao outro (humano ou não) e do seu entendimento de que não há uma separação entre o individual (subjetivo) e o outro, uma vez que pela intencionalidade dos atos disparados o outro é ouvido (percebido) e envolvido nos atos da consciência (atos psicológicos, cognitivos e espirituais) que sempre se estendem e mantêm pela linguagem. Essa é uma compreensão que ainda persiste como um solo, à luz das discussões de estudiosos do ciberespaço, como Lévy por exemplo. Entendemos que, ao se estar-com o equipamento tecnológico no espaço cibernético e com o outro que, pelos seus atos, responde às solicitações que lhe chegam em fluxos de informações, pode haver uma atualização constante dessa atitude entropática, na medida em que o corpo vivo do outro nos chega pelos aspectos cognitivos lógicos do conhecimento que produz, conhecimento esse que já está enredado no movimento de constituição da *inteligência coletiva*.

O que temos no presente e que constitui uma mudança importante é o aparato tecnológico. Não que antes não houvesse técnica, ciência e tecnologia e respectivos aparatos. Porém hoje a própria estrutura e qualidade desse aparato fazem a diferença. Sempre estivemos (nós seres humanos) com a tecnologia e seus recursos, porém hoje esse *estar-com* se reveste de características específicas, indicando reestruturação da comunicação, possibilidades de organização social mais democratizada, no sentido que oferece oportunidade para a participação ampla de todos (conectados) nas decisões significativas para a comunidade e permite manter o conhecimento em movimento de produção cooperativa, de tal maneira que o *coletivo inteligente* que permite constituir não é um produto, mas uma força inteligente em ação. Essa força é disparada pelas ações individuais e pelos próprios recursos tecnológicos à disposição.

Lévy fala de sua utopia. Toda utopia expressa uma visualização de possibilidades a acontecerem a partir do existente. Seu valor se encontra no fato de contribuir com a abertura de horizontes possíveis que, para se realizarem, necessitam ser devidamente pensadas em termos de projetos e programas a serem implementados. Notemos que o desafio é fantástico. Enfrentá-lo requer uma mudança radical no modo de ser do ser humano, olhado de um ponto de vista antropológico, uma vez que sempre se estará andando no meio fio e, por isso mesmo, a concentração e a capacidade de manter-se em equilíbrio é vital para a harmonia do todo. Atitudes egoísticas, de busca de controle do todo e respectiva riqueza por um grupo dominante também são humanas e, uma vez disparadas, o equilíbrio é perdido. Este cenário aponta para a importância que a formação individual (da pessoa) assume no mundo da educação.

## **EDUCANDO A DISTÂNCIA PARA HABITAR O ESPAÇO DO SABER**

Na atualidade, tecnologias de comunicação são continuamente criadas e, no mundo da educação, disseminam-se as possibilidades de realização de cursos a distância. Nesse contexto, cabe a indagação de Lévy (1999, p.13): “Não se trata apenas de raciocinar em termos de *impacto* [...] mas também em termos de *projeto* (com que objetivo queremos

desenvolver as redes digitais de comunicação interativa?)”. No caso de entender o conhecimento como produzido de modo colaborativo, os participantes de curso a distância não o encontram como sendo constituído por textos e imagens estagnados e não dispõem de recursos da informática limitados a depósitos de conteúdos. Ao contrário, as redes digitais de comunicação interativa possibilitam não apenas abertura ao conhecimento produzido e em produção, mas contribuem principalmente com a educação voltada para a formação de pessoas capazes de se relacionar com outras de modo colaborativo. Esse modo colaborativo de estar com o outro em cursos de educação a distância exige que os membros desse curso estejam atentos ao que é dito e produzido, respondendo sem bloqueios que possam ser estabelecidos por valores externos, mas adentrando à lógica do pensamento do outro que já está potencializada pelos recursos tecnológicos à disposição.

Com Lévy, postulamos explícita, aberta e publicamente o aprendizado recíproco como mediação das relações entre os homens. As identidades, em cursos de educação a distância, tornam-se identidades de saber. As consequências éticas dessa nova instituição da subjetividade seriam inusitadas para aquele que assume concepções de mundo e sujeito características da filosofia da época moderna, que toma o outro como dado, como sendo o diferente, sem que seja preciso interrogar: quem é o outro? Hoje, entretanto, essa é uma interrogação pertinente e Lévy (1999, p.27) nos diz: “É alguém que sabe. E que sabe as coisas que eu não sei [...] Ele pode aumentar meu potencial de ser, e tanto mais quanto diferir de mim”.

Destacamos nessa citação a referência ao *outro*. Há um *outro*. Esse *outro* é tido como tal em sua singularidade de saber e, nesse caso, ele se torna significativo quando sabe algo que aquele que se põe em busca de colaboração não sabe. Forma-se um coletivo inteligente interligado pela lógica do conhecimento, que tudo abarca e envolve, configurando o mundo. Esse coletivo *pensa em nós*, na medida em que com ele somos na existencialidade do nosso modo de ser, porém de nós depende para que se desdobre e amplie, constituindo um mundo mais diversificado e variado.

Os valores apontados como importantes, então, são conhecimento, inteligência, saber, atitude colaborativa, estar-com, variabilidade e diversificação.

Assim como Aristóteles dizia que a alma é a forma do corpo, nós diremos que nossa inteligência é como a forma ou envoltório de nosso mundo. Do mundo que pensa em nós. Depende de nós para que esse envoltório se desdobre e aumente, para englobar um mundo cada vez mais vasto e diversificado. [...] Se nossa inteligência pessoal é a alma de um pequeno mundo, os intelectuais coletivos englobam mundos bem maiores e mais variados. Eles enriquecem nosso pensamento quanto maior for a nossa participação, e pensam melhor quanto maior for o número de almas e mundos que envolverem. (LÉVY, 1999, p.99)

Esse autor esclarece que o saber do outro não se esgota, pois ele não pode ser reduzido a um somatório de dados. Dessa perspectiva, o aprendizado também é o encontro com a irredutibilidade do mundo do outro, fundamentado no respeito que se tem por ele. “O ideal da inteligência coletiva implica a valorização técnica, econômica, jurídica e

humana de uma inteligência distribuída por toda parte, a fim de desencadear uma dinâmica positiva de reconhecimento e mobilização de competências” (LÉVY, 1999, p.30).

No contexto destas ideias, entendemos que o significado e importância da prática decursos de educação a distância não estão na democratização do ensino, possibilitando que, em regiões geograficamente remotas indivíduos tenham possibilidade de abrirem-se ao conhecimento produzido. Porém, aporta na possibilidade de o estudante de curso a distância realizar um exercício de constituição da *inteligência coletiva*, uma vez que “o *ciberespaço* tornar-se-ia o espaço móvel das interações entre conhecimentos e conhecedores de coletivos inteligentes desterritorializados” (LÉVY, 1999, p.29).

O novo espaço educacional dos cursos a distância intermediados por tecnologias interativas aperfeiçoa as possibilidades de valorização do conhecimento individual, mas exige dos participantes um engajamento em um projeto que “convoca um novo humanismo que inclui e amplia o *conhece-te a ti mesmo* para um *aprendamos a nos conhecer para pensar juntos*, e que generaliza o *penso, logo existo* em um *formamos uma inteligência coletiva, logo existimos eminentemente como comunidade*” (LÉVY, 1999, p.32, grifos do autor).

Não se trata, esse espaço, daquele constituído por massas populares que se comportam por chamadas de vozes externas, induzidas por entusiasmos coletivos e onde não há distinção entre as diferentes mensagens. Há, nas massas uma voz que comanda, por exemplo, por “palavras de ordem”. Em multidões ocorrem pânicos, entusiasmos coletivos e ações individuais não são distinguíveis, sendo que a comunicação acontece por mensagens simples e os comportamentos podem ser violentos. O coletivo inteligente se constitui como uma comunidade coesa e interligada pelo conhecimento constituído colaborativamente.

Refletindo sobre essas ideias e trazendo-as para o mundo da educação a distância, entendemos que o importante é aprender a nos conhecer para que estejamos prontos às retomadas de nossas singularidades, compreendendo, porém, as singularidades do outro, de maneira a valorizar o conhecimento individual em conjunto com o coletivo. Na dimensão aqui focada, essas singularidades se mostram nos aspectos lógicos do processo de produção do conhecimento.

Entendemos que desvios na ação educativa podem ocasionar um direcionamento para os Espaços do Território e para o das Mercadorias, buscando preparar o educando apenas para o mundo de trabalho. A indagação de Lévy (1999, p.139) motiva reflexões: “Os que hoje pretendem cuidar dos seres humanos, reparar suas identidades, propor-lhes ideais, não se centram de modo demasiado exclusivo no Espaço familiar e mercantil, ou no Território?”.

Os cursos de educação a distância tornam possível o exercício de uma democracia direta, da constituição do Espaço do Saber, proporcionando a abertura de mundos, o enfraquecimento das fronteiras e a valorização da construção de conhecimento pelo coletivo sem a diluição do individual. Afinal, essa utopia já está “presente em manchas, em pontilhados, em potência em todo lugar onde os seres humanos sonham, pensam,

agem juntos” (LÉVY, 1999, p.145). A constituição de uma *inteligência coletiva*, que possibilita a criação do Espaço do Saber, demanda que cada um assuma atitudes de colaboração e, de modo semelhante a um participante de coral polifônico, module sua voz de modo a não dominar sobre a dos outros, porém não repetindo sons já emitidos. Assumindo tais atitudes, cada um contribui com os seus próprios saberes vivenciados, considerando que

Ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo o saber está na humanidade. Não existe nenhum reservatório de conhecimento transcendente, e o saber não é nada além do que o que as pessoas sabem [...] Se você cometer a fraqueza de pensar que alguém é ignorante, procure em que contexto o que essa pessoa sabe é ouro. (LÉVY, 1999, p.29)

## REFERÊNCIAS

- ABDOUNUR, Oscar João. *Matemática e música: o pensamento analógico na construção de significados*. São Paulo: Escrituras, 2003.
- ALES BELLO, Angela. *L'Universonellacoscienza*. Pisa: Edizioni ETS, 2007.
- BORBA, Marcelo de Carvalho; VILLARREAL, Mónica E. *Humans-with-Media and the Reorganization of Mathematical Thinking: Information and Communication Technologies, Modeling, Experimentation and Visualization*. Mathematics Education Library, v.39. New York: Springer, 2006.
- HUSSERL, Edmund. *Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenológica*. vol.II. Torino: Giulio Einaudi Editore, s.p.a., 2002.
- LÉVY, Pierre. *A Inteligência Coletiva: por uma Antropologia do Ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1999.

**Recebido em:** dez. 2012

**Aceito em:** abr. 2013